

Paulo Freire Educador: o reconhecimento da Comunidade Faculdade de Educação¹

Carmenisia Jacobina Aires*

Ao cumprimentar o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília e a Professora Nita Freire, estendo meus cumprimentos às autoridades aqui presentes. Cumprimento o Professor Cristiano Alberto Muniz, Vice-Diretor da Faculdade de Educação, os estudantes, as estudentes e as pessoas que acolheram o convite para participar desta solenidade, certamente motivados pela temática que ora nos une.

Peço licença para prestar uma homenagem aos colegas professores que compõem a comitiva do homenageado e, ao cumprimentá-los, faço-o aos colegas professores, em geral, e aos professores da Faculdade de Educação, em particular. Quando a Direção da Faculdade de Educação foi demandada a indicar uma comitiva para recepcionar a viúva do homenageado, confesso que não tivemos dúvidas em indicar as pessoas que aqui estão pela trajetória de vida na qual se inclui a dedicação ao nosso querido educador Paulo Freire.

Ressaltamos a importância do trabalho destes colegas que, ao atuarem, cada um a seu jeito e de modo incessante, no ensino, pesquisa e extensão, contribuem para manter Paulo Freire “vivo” entre nós, aprofundando seu pensamento e mantendo as marcas de suas pegadas na formação de educadores nesta Universidade e na Faculdade de Educação. Agradecemos o aceite ao convite e reafirmamos nossos cumprimentos aos Professores Carlos Alberto Lopes de Sousa, Erlando da Silva Reses e Antonio Fávero Sobrinho, na oportunidade representando o Professor Renato Hilário dos Reis, e às Professoras Laura Maria Coutinho e Maria Luiza Pereira Angelim. Agradecemos também a presença das Professoras Maria Madalena Torres, Presidente do Centro de Educação Popular Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), e Leila Maria de Jesus, Coordenadora do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (Cepede), representando aqui, respectivamente, os movimentos sociais e os educadores populares.

Ouso dizer que a FE cumpre, nesta oportunidade, um dos compromissos mais expressivos de sua história. Dar início à solicitação de concessão do título de

1. Discurso proferido pela Diretora da Faculdade de Educação/UnB, por ocasião da outorga de título Doutor *Honoris Causa (post mortem)* a Paulo Freire, em 6 de outubro de 2011.

*Professora e Diretora da Faculdade de Educação da UnB.

Doutor *Honoris Causa* ao educador Paulo Freire não representa mais um evento no calendário da FE e no da UnB. Antes de tudo, significa que a Faculdade de Educação reconhece e dissemina o pensamento e a ação desse educador, que imprime marcas no pensar, no agir, no implicar, no sentir, no fazer, no celebrar, no emancipar, voltados para a formação de educadores tanto no ambiente formal e diverso, segundo os rituais da academia, como em outros ambientes da comunidade do DF, assim como, para além de suas fronteiras, nos espaços não formais, onde também se ensina e se aprende, conforme as ideias do mestre Paulo Freire.

Ao longo de sua história, a Faculdade de Educação tem mantido, em seu quadro funcional, profissionais que construíram o seu percurso formativo sob a influência pedagógica da teoria do conhecimento efetivada por Paulo Freire, sendo responsáveis pela formação de inúmeros pedagogos e pedagogas, professores, a partir da base praxiológica freiriana.

Paulo Freire teve presença marcante no Distrito Federal, que passamos a enumerar: Coordenador do Plano Nacional de Alfabetização do governo João Goulart (1963); presença em círculo de cultura na cidade do Gama (1963); encontro com professores e estudantes na UnB (1981); palestra para estudantes de mestrado em educação (1985); Conselheiro do Conselho Superior da FUB (1987/88); palestra na Semana Universitária (1990); homenagem da UnB pelo prêmio Andrés Bello, da OEA, e homenagem do Centro Acadêmico de Pedagogia cujo nome leva o título de sua obra mais conhecida (1992); última conferência na homenagem recebida na instalação do I Fórum Regional de Alfabetização de Jovens e Adultos, promovida pelo GDF da Frente Brasília Popular e Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), na cidade de Ceilândia (1996).

Por tudo isso, a concessão do título Doutor *Honoris Causa*, em solenidade que hoje realizamos, fruto da iniciativa do Centro de Memória Viva Documentação e Referência em EJA, Educação Popular e Movimentos Sociais, projeto² de pesquisa desenvolvido na Faculdade de Educação, que se traduz numa atitude de reconhecimento à grandeza de um homem, um cidadão, um ser humano que espalhou emoções, compartilhou saberes, respeitou o outro, contribuindo para a compreensão do verdadeiro sentido do exercício da cidadania, da busca da emancipação e do aprender coletivamente, com liberdade.

Tentemos rememorar quem é Paulo Freire. Começamos, em primeiro lugar, referenciando a memória, a existência do cidadão Paulo Reglus Neves Freire, popularmente conhecido por Paulo Freire, nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife, no Estado de Pernambuco. Filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, Paulo Freire foi alfabetizado no chão do quintal da sua casa, à sombra das mangueiras³, como ele mesmo disse: “O chão foi o meu

2• Projeto coordenado pelo Professor Erlando da Silva Reses, da Faculdade de Educação.

3• Em 1995, Paulo Freire lança a obra *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995. 120 p.

quadro-negro; gravetos, o meu giz” (Freire e Guimarães, 1982, p. 14-15). Oriundo de família de classe média, sofreu os efeitos da crise capitalista de 1929, tendo que se mudar para a Jaboatão dos Guararapes (a 18 quilômetros de Recife), o que imprimiu marcas na sua vida. Lá perdeu o pai aos treze anos de idade e conheceu o significado da pobreza. Nas peladas de campos de futebol desta cidade, Paulo Freire teve contato com os meninos das camadas sociais mais pobres, filhos de camponeses e de operários, e descobriu a linguagem popular. Seus estudos foram interrompidos várias vezes por razões de ordem econômico-financeira. Depois de muita pejeja, concluiu o curso secundário no Colégio Oswaldo Cruz em Recife/PE, onde obteve o seu primeiro emprego como professor de língua portuguesa, em 1941.

Em 1943, com 22 anos, começou a estudar Direito na Faculdade de Direito do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, e concluiu o curso em 1947. Embora se tenha formado em Direito, Freire apenas ensaiou ingressar na profissão de advogado, desistindo, logo em sua primeira causa. Ressaltou Freire: “Tratava-se de cobrar uma dívida. Depois de conversar com o devedor, um jovem dentista tímido e amedrontado”, deixei-o ir em paz. Ele ficou feliz por eu ser advogado, e eu fiquei feliz por deixar de sê-lo.” (Gadotti, 1996).

Após experiências com adultos trabalhadores, inspirou-se para o trabalho posterior de alfabetização, ao entender que educar era discutir as condições materiais da vida do trabalhador. Assim, dedicou-se a estudar a linguagem do povo e consolidar sua formação em educação popular. Foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Recife, em 1952; em 1959, defende a tese “Educação e Atualidade Brasileira” e obtém o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, pela Universidade Federal do Recife. Em 1961, perdeu o cargo de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes e foi nomeado Professor Assistente de Ensino Superior, de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de Recife.

De religião católica, trabalhou a partir de 1954 em várias paróquias do Recife com iniciativas populares, onde também organizou um projeto com clérigos e leigos da Paróquia da Casa Amarela, para o desenvolvimento de currículo e para a formação de professores; participou, em 1958, no Rio de Janeiro, do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, ocasião em que propôs uma educação baseada no diálogo, que considerasse as características socioculturais das classes populares, estimulando sua participação consciente na realidade social (Paiva, 1987); em 1962, criou o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e foi o seu primeiro Diretor, onde concebeu o chamado Sistema Paulo Freire, constituído de cinco etapas: 1. Alfabetização infantil; 2. Alfabetização de jovens e adultos; 3. Ciclo primário; 4. Extensão cultural, por meio do Instituto de Ciências do Homem; 5. Centro de Estudos Internacionais.

No início dos anos 60, engajou-se nos movimentos de educação popular, entre eles o Movimento de Cultura Popular (MCP), onde desenvolveu o seu

sistema de educação, com dedicação no campo da educação de adultos em áreas proletárias, por meio dos chamados círculos de cultura, que consistem numa roda de reconhecimento dos sujeitos de saberes e de aprendizes, construindo conhecimentos libertadores. Paulo Freire também contribuiu na Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, desenvolvida pelo então Prefeito de Natal (RN), Djalma Maranhão, e na Campanha de Alfabetização de Angicos (RN), tendo alfabetizado 300 trabalhadores rurais em 45 dias; em 1963, ele cria as bases do Programa Nacional de Alfabetização, do Governo João Goulart, instituído pelo Decreto nº 53.465, de 21/01/64, e revogado pelo Decreto nº 53.886, em 14/4/64. O golpe militar de 1964 extingue o Programa Nacional de Alfabetização, e Paulo Freire é preso em Recife, por cerca de setenta dias. Em setembro de 1964, ele recebe asilo político na Embaixada da Bolívia, no Rio de Janeiro, e em novembro do mesmo ano segue para o Chile. No Chile escreveu dois de seus livros mais conhecidos, *Educação como Prática da Liberdade* (1965) e *Pedagogia do Oprimido* (1968). Depois de viver até 1969 naquele país, foi convidado a lecionar na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Em 1970, é convidado para trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, na Suíça. É quando ganha projeção mundial e passa a “andarilhar” pelos cinco continentes. Em 1971, funda, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural, cujo objetivo era prestar serviços educativos, especialmente aos países do chamado Terceiro Mundo que lutavam por sua independência. Em 1980, Paulo Freire regressa definitivamente ao País com a intenção, embora com restrições, de reassumir suas funções na Universidade de Pernambuco. Lecionou no Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, posteriormente, na Universidade Estadual de Campinas. Em suas palavras: “Dezesseis anos de ausência exigem uma aprendizagem e uma maior intimidade com o Brasil de hoje. Vim para reaprender o Brasil.” (Gadotti, 1996).

Em 1982, publica *A importância do ato de ler*, livro que mereceu, em julho de 1990, o Diploma de Mérito Internacional, na Suécia. No mesmo ano, funda o Centro de Estudos, Documentação e Informação Paulo Freire no Espírito Santo, com a finalidade de estudar e difundir sua obra para trocar experiências sobre a reflexão e ação da sua filosofia da educação, da educação popular, e promover o intercâmbio entre professores e pesquisadores de todo o País e do exterior.

Em 1983, participou da Fundação Vereda – Centro de Estudos em Educação, em São Paulo, cujo objetivo era desenvolver pesquisas, prestar assessoria e atuar na formação de professores dedicados à prática da educação popular.

Em 1986, recebeu o Prêmio da Educação para a Paz, da Unesco. A morte de sua primeira esposa, em outubro desse mesmo ano, oportunizou a Paulo Freire viver a dor de uma perda que, intensamente amorosa, transformou-se no desejo de continuar vivendo amorosamente. Casou-se novamente em 1988, com Ana Maria, carinhosamente chamada de Nita Freire, sua biógrafa, que hoje nos dá a honra da sua presença neste momento em que a UnB concede a Paulo Freire o

título Doutor Honoris Causa.

Em janeiro de 1989, recebeu o convite da Prefeita eleita da cidade de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores, Luiza Erundina, para exercer o cargo de Secretário Municipal da Educação. Entre as marcas de sua passagem pela Secretaria Municipal de Educação está a criação do Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo (Mova-SP), programa criado em parceria com os movimentos sociais e populares. Também empreendeu esforços para a criação e o fortalecimento da gestão democrática e participativa com a reativação dos conselhos escolares, da revisão curricular e da recuperação salarial dos professores.

Dois anos depois se afastou da Secretaria, mas continuou ativo colaborador. A Prefeita Luiza Erundina afirmou que Paulo Freire estava sendo “devolvido ao mundo”. Ele passou a dedicar-se a escrever os artigos e livros. Retorna à PUC/SP e demite-se da UNICAMP. No mesmo ano, participa da criação do Instituto Paulo Freire.

Em abril de 1997, lançou seu último livro, intitulado *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Em 2 de maio daquele ano, morre um dos maiores educadores de todos os tempos.

Feito este percurso de história de vida do educador, passamos a refletir em breves traços sobre sua filosofia e pensamento, em que o coletivo, o fazer junto, foi sempre uma tônica na sua vida. Por exemplo, nesta última obra (*Pedagogia da Autonomia*), Freire enfatiza: “Não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento e ensinar é uma especificidade humana” (reafirma aqui que todo homem é um educador!). Em sua obra mais conhecida, *Pedagogia do Oprimido*, ele faz a seguinte dedicação: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” Com relação a essa obra, nada mais interessante do que deixar o próprio autor falar, expressar algumas das ideias nela contidas.

A pedagogia do oprimido é definida por Paulo Freire como “aquela que tem que ser forjada com ele (oprimido) e não para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação”. (Freire, 1987 p. 32).

Paulo Freire propõe, por meio da “convivência” e reflexão sobre a opressão, lutar pela emancipação, numa verdadeira construção dialética. Para ele, a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca, que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em

que estão inscritos os homens como seres inconclusos” (Freire, 1987, p.34). Tal pensamento é reforçado numa expressão marcante de sua obra: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem”, diz Freire (1987, p. 52).

Ainda nesta obra (*Pedagogia do Oprimido*), ele reflete sobre a sua concepção de educação: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo”. (Freire, 1987, p. 68).

Freire destaca também: “A dialogicidade é essência da educação como prática da liberdade [...] A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A com B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1987, p. 84). Ao final do livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire enfatiza que “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.” (Freire, 1987, p. 184).

O seu legado histórico, cultural, social, político e acadêmico tem valor inestimável, reconhecido nacional e internacionalmente. Por isso, é considerado um dos maiores educadores do século XX e um dos mais expressivos pensadores do nosso tempo. Sempre esteve ao lado dos oprimidos e oprimidas em todo o mundo, ao criar uma proposta educacional autêntica e revolucionária, forjando assim o surgimento de uma teoria do conhecimento como pressuposto da conscientização política e de educação como prática da liberdade. Paulo Freire criou a pedagogia da pergunta que se funda na curiosidade, sem a qual não há pedagogia e, portanto, antagônica à visão histórica que enfatiza a compreensão mecanicamente quantitativa do conhecimento.

Para alguns, Paulo Freire estava se tornando um mito, no que ele reagia, dizendo: “quanto a esta questão do mito, ela sempre me assustou um pouco, ou melhor, muito. Se eu assumir esta condição de mito, estarei assumindo uma contradição enorme com tudo que digo, que penso. É preciso superar esta marca mítica. Luto muito contra a mitificação de minha pessoa”. (Correio Braziliense-

24/10/82).

Acrescente-se que o sujeito histórico constitui reflexão constante em sua obra. Freire entendia ser não apenas objeto da história mas seu sujeito. Fazia-se presente no mundo da história, da cultura, da política, não para se adaptar, mas para mudar (Freire, 2000). Vivia a história não como determinismo, mas como um tempo de possibilidades, sendo gente, fazendo-se com os outros e tomando parte dessa feitura (Freire, 1997).

Foi reafirmando sua crença no fazer coletivo, no saber popular e na esperança de mudanças, em sua última conferência, em 30 de agosto de 1996, em Ceilândia, por ocasião da homenagem recebida na instalação do I Fórum Regional de Alfabetização de Jovens e Adultos, promovida pelo GDF (Frente Brasília Popular) e pelo Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), que Paulo Freire assim se expressou:

“Pra mim, estar aqui hoje é uma razão de imensa alegria; faz dois dias que eu estava com Nita em Niterói – duas noites passadas –, quando recebi importância, tanta significação quanto o doutoramento da academia; eu recebo aqui, agora, um doutoramento do povo (o diploma do povo!), um diploma que não está aqui, mas que está na cabeça de todo mundo; no corpo, na imaginação, no sonho. O diploma deve dizer: “Paulo, meu camarada, você andou brigando, andou lutando, andou fazendo uma coisas com outros Paulos, com outras Marias”. E essas coisas sempre disseram respeito a nós. Nós agora, aqui em Ceilândia, damos a você um diploma que não é igualzinho ao doutoramento da universidade, mas que tem a mesma significação, porque é o testemunho nosso de que você faz uns trechos certos. É isso que eu sinto hoje, aqui, nesta noite! É outra coisa que eu gostaria de dizer a vocês, pra terminar. É que eu estou absolutamente convencido, e sempre estive desde a minha mocidade, de que nunca fazemos as coisas sozinhos! O que coube a mim – talvez mais do que a outras pessoas – foi ter visto, foi ter imaginado, foi ter sonhado claramente com umas coisas que nem todos estavam vendo, ou com o que nem todos estavam sonhando, mas que, se não tivesse havido a solidariedade de uma quantidade enorme e crescente de gente que confia em si mesmo, de gente que quer assumir um papel sério na história da vida política deste país, se não houvesse gente assim – gente como vocês desta cidade –, evidentemente que Paulo Freire estaria esquecido, ou seria convertido a um verbete de enciclopédia; e eu me sinto mais do que um verbete de enciclopédia, eu me sinto gente como vocês, cheio de esperança..., e convencido de que, possa até eu não ver este país mudado, mas não tenho dúvida nenhuma de que terei contri-buído com um mínimo para a mudança deste país”.

Finalmente, na oportunidade em que esta Universidade, instituição educativa que tem missão e finalidade próprias, compromissos para consigo mesma e para com a sociedade, adota como temática “*Um marco para uma reflexão sobre os rumos da universidade brasileira*”, tomemos o pensamento de Paulo Freire, lutando para que ela esteja, cada vez mais, à altura de seu tempo, com base em duas

premissas básicas de sua ação, quais sejam: dar o conhecimento do conhecimento já existente e produzir o conhecimento ainda não existente, conforme nos ensinou Paulo Reglus Neves Freire.

MUITO OBRIGADA

Obs. Texto adaptado do Memorial produzido pelo Centro de Memória Viva Documentação e Referência em EJA, Educação Popular e Movimentos Sociais, para submissão ao título Doutor Honoris Causa.

Referências

- ANGELIM, Maria Luiza Pereira. *Diccionario Latinoamericano de Bioética*. Bogotá: Unibiblos-Universidad Nacional de Colombia / UNESCO, 2008, 657 p.
- BRASIL. FBB/PETROBRÁS/IPF. Projeto Memória – Paulo Freire: Educar para Transformar. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965. 149p
- _____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- _____. “Caminhos de Paulo Freire” [Entrevista]. *Revista Ensaio*, São Paulo, n. 14, 1985.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: Diálogo e Conflito*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985, 127 p.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).
- _____. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UNESP, 2000, 134 p.
- FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 40-41
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire*. In: Gadotti, Moacir. Paulo Freire: uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora, 1996
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma Biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora, 1996
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1987.
- STRECK, Danilo R .; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TORRES, Carlos Alberto. *A voz do Biógrafo Latino Americano: uma biografia intelectual*. In: Gadotti, Moacir. *Paulo Freire: uma Biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

Carmenisia Jacobina Aires é Professora Adjunta da Faculdade de Educação, doutora em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Educación a Distancia – Espanha, Diretora da Faculdade de Educação da UnB. Participante do Grupo ATEAD–Aprendizagem, Tecnologias e Educação a Distância, na Plataforma Lattes, com estudos na área da Gestão democrática e Gestão da Educação a Distância.
Email: Jacob@unb.br
